

## ATIVIDADE ECONÔMICA

# Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços: julho e agosto de 2022

## Sumário

Após o avanço de 1,2% registrado pelo produto interno bruto (PIB) na passagem entre o primeiro e o segundo trimestre de 2022, o ritmo de crescimento da atividade econômica nos dois meses seguintes se manteve relativamente aquecido, embora o desempenho entre os setores tenha se tornado mais heterogêneo. Se, por um lado, a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho tem ajudado a sustentar o ritmo de crescimento do setor de serviços, por outro, a demanda por bens apresentou alguma acomodação nos últimos meses. Por sua vez, refletindo a melhora observada nos níveis de confiança dos empresários, o setor industrial iniciou o terceiro trimestre mantendo a tendência de crescimento observada ao longo dos primeiros seis meses do ano. Corroborando este cenário, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) e o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, voltaram a crescer no mês de julho. Enquanto o IBC-Br cresceu 1,2% na margem e 3,9% em relação a julho de 2021, o Monitor do PIB apresentou altas de 0,6% na margem e de 3,1% na base interanual. Em relação a agosto, influenciada pelos resultados esperados para a indústria, comércio e serviços, a previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) é que o Monitor do PIB apresente relativa estabilidade na margem, com alta de 0,1%. Com este resultado, as perspectivas para o desempenho do PIB no terceiro trimestre mantêm-se positivas, ao deixar inalterado o efeito de *carry-over* auferido no período anterior.

Entre os setores, a indústria manufatureira, embora ainda se depare com algumas restrições pelo lado da oferta, segue mantendo o ritmo de crescimento observado ao longo da primeira metade do ano. De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o avanço de 0,6% em julho representou a quinta variação positiva nos últimos seis meses, período em que a produção acumulou alta de 2,2% na comparação dessazonalizada. Embora os problemas relacionados às cadeias produtivas globais e aos custos elevados dos insumos ainda existam, particularmente em alguns segmentos produtivos, sua intensidade tem diminuído ao longo dos últimos meses. Segundo as últimas pesquisas qualitativas realizadas junto aos empresários do setor, a falta (e/ou aumento) do custo de matérias-primas vem sendo menos citada, ao passo que a preocupação com as taxas de juros elevadas vem ganhando espaço, podendo explicar uma parte da recente acomodação observada na produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis. Neste cenário, a melhora no desempenho da atividade industrial, embora ainda modesta, tem sido acompanhada pela recuperação dos ní-

**Leonardo Mello de Carvalho**  
Técnico de Planejamento e Pesquisa  
da Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas na Dimac/Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 30 de setembro de 2022.

veis de confiança, que, de acordo com a FGV, vêm se mantendo num patamar indicando otimismo desde junho. Além disso, os segmentos produtivos seguem operando com um nível médio de utilização de capacidade acima da sua média histórica, e com estoques em patamares confortáveis. Para agosto, a Dimac estima que a produção industrial tenha avançado 0,3% na comparação sem efeitos sazonais, com uma alta de 4,2% sobre o mesmo período de 2021.

Já o comércio de bens apresentou desempenho negativo nos últimos três meses. As vendas do varejo, medidas na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE, recuaram 0,7% na margem em julho, resultado este que representou a quarta retração em cinco meses. Com isso, o volume de vendas no varejo ampliado recuou para um patamar 3,8% inferior ao nível pré-pandemia – medido em fevereiro de 2020. Apesar da melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho, com aumento dos níveis de ocupação, da massa real de salários e do rendimento real, as vendas no comércio varejista têm exibido falta de fôlego. Por trás desse desempenho, além dos efeitos provocados pelo encarecimento do crédito e por um orçamento familiar pressionado pelo nível de preços, pode estar ocorrendo um movimento de migração do consumo de bens em direção ao consumo de serviços, revertendo o deslocamento contrário ocorrido nos períodos em que, devido à crise sanitária, a mobilidade urbana foi reduzida. Todavia, espera-se que o aumento concedido nos benefícios do programa Auxílio Brasil possa ter começado a afetar positivamente o comércio a partir de agosto último. Nossas previsões apontam alta de 0,2% para o resultado do comércio varejista (conceito ampliado) em agosto, na série sem efeitos sazonais. As vendas no varejo restrito, porém, ainda devem recuar 0,6%, na mesma base de comparação.

O setor de serviços, por fim, continua sendo um dos principais impulsionadores da atividade econômica em 2022. Com a normalização dos níveis de mobilidade urbana, o gradual atendimento da demanda ainda reprimida em alguns segmentos tem permitido ao setor manter um ritmo de crescimento consistente, sendo o principal responsável pelo aumento da criação de postos de trabalho na economia. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, o setor avançou 1,1% em julho, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu crescimento de 0,8% no período anterior, sendo a quarta variação positiva em cinco meses. O destaque positivo ficou por conta dos serviços associados a transportes e correios, que registraram alta de 2,3% na margem. Já os serviços prestados às famílias, os mais afetados pela crise sanitária, avançaram 0,6% na margem, ficando ainda 5,7% abaixo dos níveis pré-pandemia – e, portanto, mostrando espaço para crescer nos próximos meses. Em relação a agosto, a Dimac/Ipea projeta estabilidade na margem para o indicador geral da PMS na comparação com julho (com ajuste sazonal), com alta de 6,4% sobre agosto de 2021. O destaque positivo na comparação dessazonalizada é o crescimento previsto de 2,2% para a atividade *outros serviços*. Na comparação interanual, esperamos uma queda de 6,5% para este segmento.

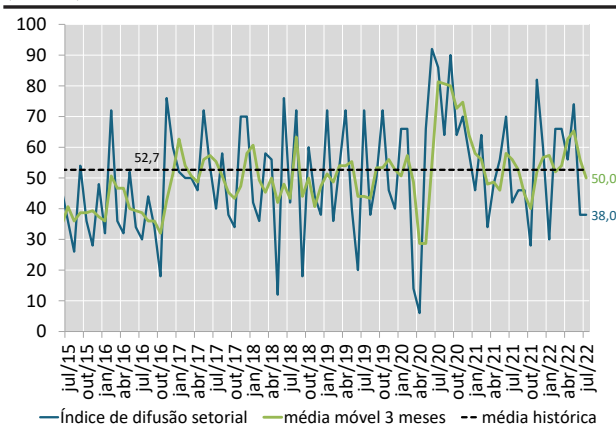
## 1 Resultados gerais

O comportamento recente dos indicadores setoriais indica que, após o bom desempenho verificado ao longo dos primeiros seis meses de 2022, a atividade econômica se manteve relativamente aquecida no início do terceiro trimestre, embora num ritmo menos acelerado. Além disso, o cenário indica uma maior heterogeneidade em relação ao desempenho dos principais setores produtivos. Em julho, enquanto a produção industrial e os serviços avançaram ante o mês de junho, com altas de 0,6% e 1,1%, respectivamente, as vendas no comércio varejista recuaram 0,7% na mesma comparação, resultado que sucedeu queda de 2,5% no período anterior (tabela 1). Com isso, mesmo apresentando alguma desaceleração em relação, o indicador mensal Monitor do PIB voltou a registrar crescimento na margem, com alta de 0,6% em julho. Na comparação com julho de 2021, o indicador registrou a 18ª variação positiva, com alta de 3,1%. O IBC-Br, por sua vez, cresceu 1,2% na margem e 3,9% em relação a julho de 2021.

O desempenho da atividade em julho foi caracterizado pelo nível de difusão abaixo de sua média histórica, situada em torno de 53%. Na comparação com junho, já excluídos os efeitos sazonais, 38% dos segmentos registraram variação positiva, repetindo o resultado do período anterior. Com base na análise menos volátil em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 50% em julho, resultado que representou pequena desaceleração em relação ao pico recente verificado em maio (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a agosto, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta continuidade no desempenho positivo da atividade econômica, embora num ritmo mais modesto (tabela 1). A atividade industrial, inserida num cenário mais benigno, caracterizado pelo abrandamento das restrições de oferta e pelo aumento dos níveis de confiança, voltaria a registrar crescimento na margem, com alta de 0,3%. O setor de serviços, por sua vez, embora ainda estimulado por uma demanda reprimida, permaneceria estável na mesma base de comparação, após o forte crescimento verificado em julho. Já para o setor de comércio, estamos prevendo um desempenho fraco para as vendas no conceito restrito, com queda de 0,6% na margem, enquanto o varejo ampliado cresceria 0,2%, estimulado pelas altas nas vendas de automóveis e materiais de construção. Neste contexto, esperamos uma desaceleração no crescimento dessazonalizado do Monitor do PIB em agosto, com alta de 0,1%, mantendo inalterado o *carry-over* para o terceiro trimestre.

**GRÁFICO 1**  
**Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial<sup>1</sup> (jul./2015-jul./2022)**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de cinquenta segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

**TABELA 1**  
**Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para agosto de 2022**  
 (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Mai/22	Jun./22	Jul./22	Previsão Dimac/Ipea - Ago./22	Mai/22	Jun./22	Jul./22	Previsão Dimac/Ipea - Ago./22
<b>Monitor do PIB</b>	-0,9	0,9	0,6	0,1	3,6	3,1	3,1	4,9
<b>Produção Industrial</b>	0,4	-0,3	0,6	0,3	0,5	-0,5	-0,5	4,2
<b>Comércio Varejista (ampliado)<sup>1</sup></b>	0,2	-2,1	-0,8	0,2	-0,7	-3,0	-6,8	-2,0
<b>Comércio Varejista (restrito)</b>	-0,5	-1,4	-0,8	-0,6	-0,2	-0,1	-5,2	-2,8
<b>Serviços</b>	0,4	0,8	1,1	0,0	9,1	6,4	6,3	6,4

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos e de materiais de construção.

## 2 Indústria

A produção industrial, de acordo com a PIM-PF, encerrou o primeiro semestre de 2022 exibindo queda acumulada de 0,3% em termos dessazonalizados. Apesar deste resultado, em grande medida provocado pela retração de 1,9% ocorrida ainda em janeiro, o desempenho da indústria ao longo do ano tem se mostrado positivo. Tomando como base a comparação em médias móveis de três meses, seu ritmo de crescimento mostrou aceleração no período, encerrando o segundo trimestre com avanço de 1% na margem, contra 0,6% observado nos primeiros

três meses do ano. Em julho, com a alta de 0,6% verificada sobre o período anterior, o trimestre móvel voltou subir, com crescimento de 0,7% sobre a média dos três meses encerrados em junho (tabela 2). Entre as classes, ainda na comparação dessazonalizada, enquanto as indústrias extrativas seguem exibindo um comportamento mais volátil, a indústria de transformação registrou crescimento de 1,2% no trimestre móvel encerrado em julho.

TABELA 2

**Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento**

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Maio/22	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	Maio/22	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Geral</b>	0,4	-0,3	0,6	0,7	0,5	-0,5	-0,5	-0,2	-2,0	-3,0
<b>Classes</b>										
Indústrias Extrativas	-6,2	2,8	2,1	-3,4	-8,2	-5,4	-3,8	-5,8	-3,3	-1,7
Transformação	0,8	-0,2	0,4	1,2	1,6	0,1	0,0	0,6	-1,8	-3,2
<b>Grupos Econômicos</b>										
Capital	7,1	-1,9	-3,7	1,7	5,7	0,2	-5,8	-0,1	-1,6	3,7
Intermediários	-1,1	-1,1	2,2	-0,5	-0,9	-1,8	0,0	-0,9	-1,7	-2,6
Consumo	0,4	0,4	0,9	1,8	1,3	1,5	0,5	1,1	-2,7	-5,7
Duráveis	3,9	6,0	-7,8	5,0	-2,1	2,3	-0,8	-0,3	-10,2	-15,4
Semi e Não-Duráveis	0,9	-0,9	1,6	1,3	2,2	1,3	0,8	1,4	-0,8	-3,2
Insumos da Construção Civil	0,4	-1,0	0,4	1,2	-4,5	-7,3	-6,6	-6,1	-8,3	-7,5

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

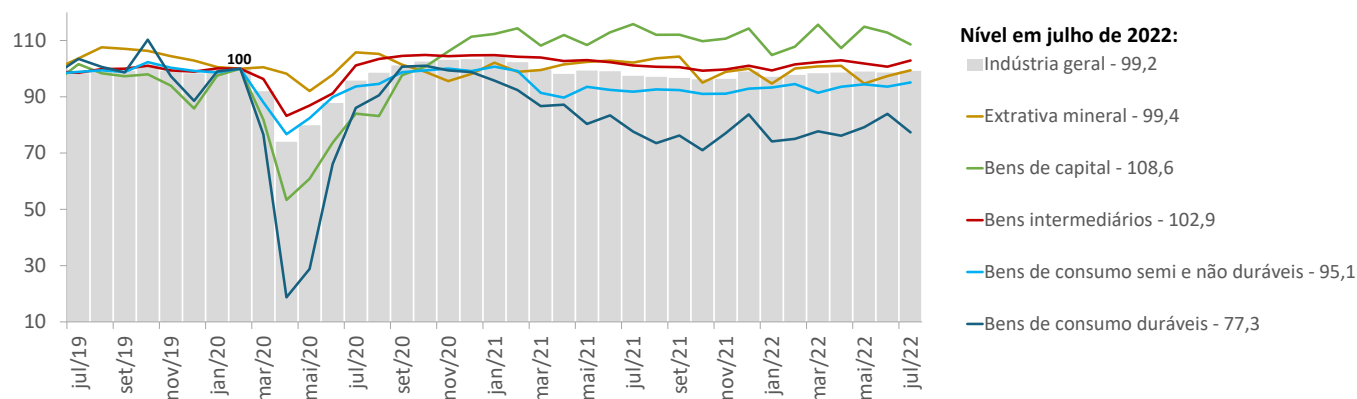
Embora os problemas relacionados às cadeias produtivas globais e aos custos elevados dos insumos ainda existam, particularmente em alguns segmentos produtivos, sua intensidade tem diminuído ao longo dos últimos meses. A respeito deste ponto, de acordo com o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais, as importações têm influenciado positivamente o desempenho da demanda, como é o caso dos bens intermediários, que registraram alta de 3,1% no trimestre móvel terminado em julho, enquanto a produção física recuou 0,5% no mesmo período, na comparação livre de sazonalidade. De fato, segundo as últimas pesquisas qualitativas realizadas junto aos empresários do setor, a falta (e/ou aumento) do custo de matérias-primas vem sendo menos citada, ao passo que a preocupação com as taxas de juros elevadas vem ganhando espaço, podendo explicar uma parte da recente acomodação observada nos segmentos bens de consumo duráveis e bens de capital (gráfico 2). Este último, no entanto, segue como destaque positivo entre os grupos econômicos, estimulado pela demanda nos setores do agronegócio e, principalmente, da construção civil (gráfico 3).

Neste cenário, o bom desempenho da atividade industrial, embora ainda modesto, tem sido acompanhado pela recuperação dos níveis de confiança, que, de acordo com a FGV, vêm se mantendo num patamar que indica otimismo desde junho. Corroborando esta melhora, as pesquisas da Confederação Nacional da Indústria (CNI) apontam na mesma direção, indicando aumento de produção, emprego e intenção de investimentos. Além disso, os segmentos produtivos seguem operando com um nível médio de utilização de capacidade acima da sua média histórica desde junho de 2021 (gráfico 4).

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 0,3% na série sem efeitos sazonais, com alta de 4,2% na comparação com o mesmo período de 2021 (tabela 3). Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em 0,7%. Esse resultado contou com uma contribuição negativa das indústrias extrativas, que estimamos terem recuado 3,8% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar alta de 0,7% na mesma comparação. Entre os segmentos, os destaques ficariam por conta da produção de veículos e máquinas e equipamentos, com crescimentos previstos de 12,9%, e 10,5%, respectivamente.

GRÁFICO 2

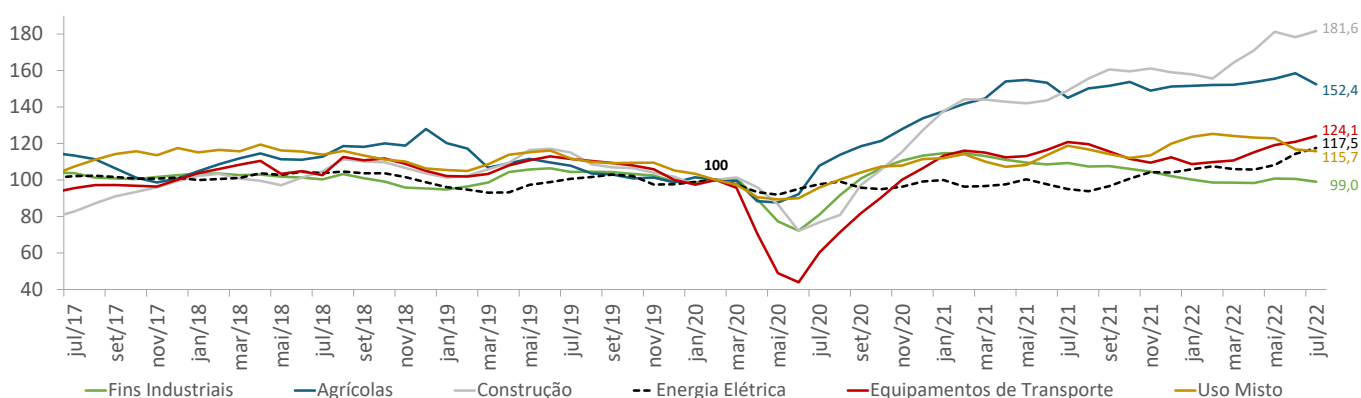
**Produção industrial: evolução da indústria geral e grupos econômicos – séries dessazonalizadas (jul./2019-jul./2022)**  
(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3

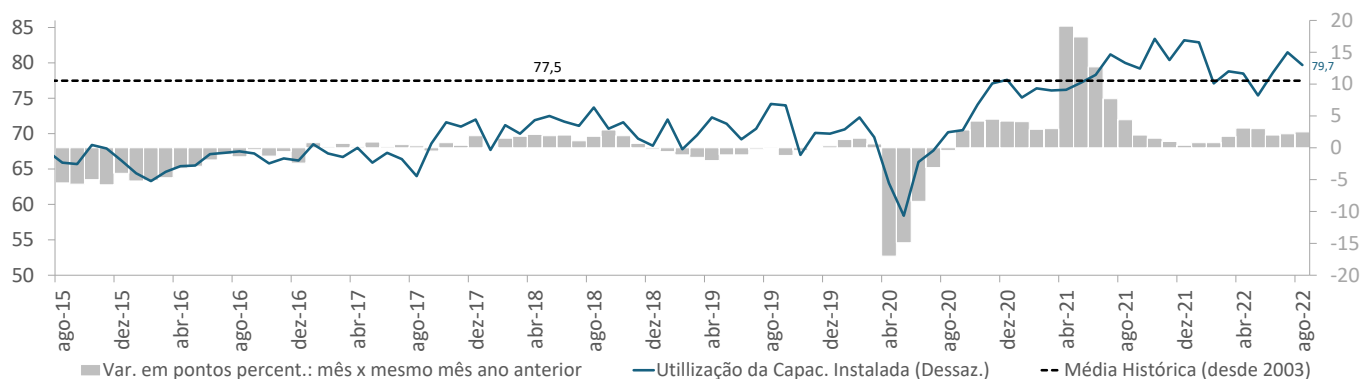
**Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)**  
(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

**Nível de utilização da capacidade instalada (Nuci): evolução do nível dessazonalizado e taxas de crescimento**  
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

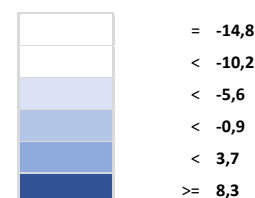


TABELA 3

**Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para agosto de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada**

(Em %)

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
<b>Indústria geral</b>	0,6	0,2	0,4	-0,3	0,6	0,3
<b>Indústrias extrativas</b>	0,7	0,2	-6,2	2,8	2,1	-3,8
<b>Indústrias de transformação</b>	0,9	0,2	0,8	-0,2	0,4	0,7
Alimentos	-2,2	-4,8	2,0	0,8	4,3	-4,5
Têxtil	-2,3	5,1	2,2	-1,4	-1,7	0,7
Vestuário	-3,8	2,3	-0,5	7,1	-4,1	9,6
Couro e calçados	10,0	0,7	9,1	0,3	-5,6	-0,9
Celulose e papel	3,6	1,9	-1,2	4,3	2,1	0,0
Derivados de petróleo e biocomb.	-0,7	5,0	0,2	-1,3	2,0	-1,6
Químicos	7,7	3,5	-8,6	-0,7	-9,0	8,4
Limpeza e perfumaria	0,4	1,3	0,6	3,6	-0,9	1,2
Farmacêuticos	-8,5	4,1	0,9	-14,8	10,0	3,3
Borracha e plásticos	-0,4	2,6	0,9	-0,1	0,3	0,6
Minerais não-metálicos	0,9	0,0	-0,4	-1,1	-0,9	5,7
Metalurgia	1,3	-1,0	1,2	-1,1	2,0	-0,2
Metais	-3,9	2,6	1,3	-0,1	-3,9	4,4
Informática e eletrônicos	8,0	-3,4	3,4	-3,0	-7,8	6,0
Máquinas e materiais elétricos	-5,1	1,6	6,1	1,5	-2,1	0,4
Máquinas e equipamentos	5,5	-3,4	8,8	-3,8	-10,4	10,5
Veículos automotores	6,7	-4,6	3,7	6,1	-5,7	12,9
Outros equipamentos de transporte	2,0	-7,7	6,8	-7,4	5,0	6,7
Outros produtos	-3,2	-5,3	7,6	-3,8	1,3	6,3
Insumos construção civil	0,1	2,0	0,4	-1,0	0,4	-0,3



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Comércio

As vendas no comércio varejista, medidas na PMC/IBGE, recuaram 0,7% na margem em julho, resultado este que representou a quarta retração em cinco meses. Na análise em médias móveis trimestrais, as vendas caíram 2,4% em julho, resultado que sucedeu baixa de 1,3% verificada no trimestre encerrado em junho. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção, o chamado varejo restrito, por sua vez, caiu 0,8% na margem. Na média móvel trimestral, após desacelerar de 2,8% para 0,8% entre maio e junho, o indicador registrou variação negativa de 1,1% no trimestre encerrado em julho. Na comparação interanual, ambas voltaram a ficar abaixo dos patamares verificados no mesmo período de 2021 (tabela 4). Entre os segmentos, vale destacar que o fraco desempenho verificado nos últimos dois meses foi caracterizado por elevado grau de disseminação. Enquanto em junho a queda foi generalizada na margem, apenas o segmento combustíveis e lubrificantes registrou avanço no mês de julho, com alta de 12,2%, estimulado pela queda nos preços. Na comparação em médias móveis, todavia, destacaram-se positivamente, além do segmento combustíveis e lubrificantes (7,5%), as vendas de artigos farmacêuticos (2,5%) e hipermercados e supermercados (0,8%). Já na comparação interanual, o grau de difusão também reduzido.

A perda de fôlego observada no comércio varejista tem ocorrido não obstante a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho, com aumento dos níveis de ocupação, da massa real de salários e do rendimento real. Com o resultado de julho, o volume de vendas no varejo ampliado recuou para um patamar 3,8% inferior ao nível pré-pandemia. Entre os segmentos, com exceção das vendas de artigos farmacêuticos, combustíveis, alimentos e material de construção, todos os demais encontram-se abaixo do patamar de fevereiro de 2020, notadamente aqueles bens mais sensíveis à taxa de juros (gráfico 5). Por trás desse desempenho, além dos efeitos provocados pelo encarecimento do crédito, o orçamento das famílias segue pressionado pelo nível de preços. Com base nos deflatores da PMC, a grande maioria dos segmentos ainda apresenta taxas de inflação acumuladas em doze meses acima de dois dígitos. Entre aqueles mais pressionados, os preços dos hipermercados (17,1%), vestuário (16,3%) e veículos (15,6%) apresentaram as maiores altas. Vale destacar também a descompressão ocorrida nos preços de combustíveis (gráfico 6). Além dos fatores citados, pode estar ocorrendo também um movimento de migração do consumo de bens em direção ao consumo de serviços, revertendo o deslocamento contrário provocado pela redução de mobilidade urbana ocorrida durante a crise sanitária. Como contraponto, algumas medidas governamentais de apoio à economia e à população mais carente<sup>1</sup> ainda são relativamente recentes, como é o caso do reajuste concedido no programa Auxílio Brasil, ocorrido a partir de agosto último. Com isso, é possível alguma resiliência no consumo de bens mais dependentes da renda.

Em relação a agosto, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera uma alta de 0,2% na margem para o varejo ampliado, com queda de 2% na comparação interanual. Com este resultado, o *carry-over* para o segundo trimestre ficaria em -2%. Já no conceito de varejo restrito, prevemos mais um resultado negativo, com uma queda de 0,6% sobre julho. Entre os segmentos, os destaques positivos ficam por conta das vendas de tecidos, vestuário e calçados (4,1%); e de veículos, motocicletas, partes e peças (5,8%) (tabela 5).

TABELA 4

**Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento**

(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Maio/21	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	Maio/22	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
Comércio varejista restrito <sup>2</sup>	-0,5	-1,4	-0,8	-1,1	-0,2	-0,1	-5,2	-1,9	0,4	-1,8
Comércio varejista ampliado <sup>3</sup>	0,5	-2,5	-0,7	-2,4	-0,7	-3,0	-6,8	-3,6	-0,8	-1,9
1. Combustíveis e lubrificantes	2,1	-0,9	12,2	7,5	7,2	8,0	17,4	11,0	7,0	1,9
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,0	-0,1	-0,6	0,2	-0,5	2,2	-0,1	0,5	0,4	-0,9
2.1 Hipermercados e supermercados	1,9	0,0	-0,8	0,8	-0,6	2,2	-0,1	0,5	0,2	-1,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	3,9	-5,7	-17,1	-4,6	8,5	2,2	-16,2	-1,9	11,0	4,8
4. Móveis e eletrodomésticos	-3,4	-1,5	-3,0	-3,9	-12,5	-14,7	-14,6	-13,9	-10,1	-15,3
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,9	-0,2	-1,4	2,5	9,3	9,0	4,0	7,4	7,5	6,1
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	4,8	-3,6	-2,0	-1,4	25,8	2,7	11,2	12,5	17,4	7,2
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,8	-1,7	-1,5	0,3	2,1	1,9	-0,4	1,2	0,6	-3,8
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,6	-1,4	-0,5	-4,6	-7,2	-11,4	-28,7	-16,6	-7,5	-6,2
9. Veículos, motos, partes e peças	-0,5	-4,6	-2,7	-4,6	0,8	-7,1	-8,5	-5,0	-1,0	0,8
10. Materiais de construção	-1,5	-1,5	-2,0	-4,9	-7,7	-12,0	-13,7	-11,1	-8,3	-8,5

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

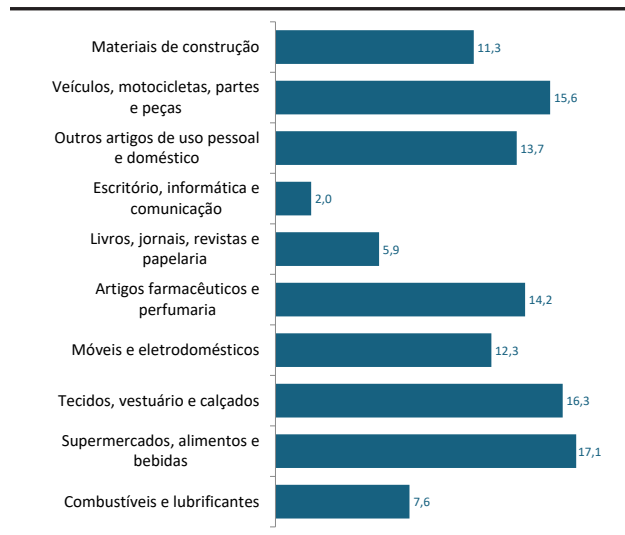
1. Por exemplo, redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); programa Auxílio Brasil; antecipação do 13º do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), liberação de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS); e auxílio-gás.

**GRÁFICO 5**  
**Comércio varejista – segmentos: comparação entre os níveis de julho de 2022 e fevereiro de 2020**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 6**  
**Comércio varejista: deflator – taxas de variação acumuladas em doze meses (jul./2022)**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**TABELA 5**  
**Comércio varejista: desempenho recente e previsão para agosto de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada**  
 (Em %)

	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	
<b>Varejo ampliado</b>	-0,9	-1,0	0,5	-2,5	-0,7	0,2	= -17,1
<b>Varejo restrito</b>	1,1	0,4	-0,5	-1,4	-0,8	-0,6	< -12,2
Combustíveis e lubrificantes	4,8	0,4	2,1	-0,9	12,2	-3,3	< -7,3
Hiper e supermercados	0,0	-0,8	1,0	-0,1	-0,6	-0,1	< -2,5
Tecidos, vestuário e calçados	0,2	1,6	3,9	-5,7	-17,1	4,1	< 2,4
Móveis e eletrodomésticos	0,7	1,9	-3,4	-1,5	-3,0	1,0	>= 7,3
Artigos farmacêuticos e perfumaria	-4,0	1,0	3,9	-0,2	-1,4	-1,3	
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,4	-0,4	-0,5	-4,6	-2,7	5,8	
Material de construção	2,6	-4,0	-1,5	-1,5	-2,0	1,8	

Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4 Serviços

O setor de serviços, por fim, continua sendo um dos principais impulsionadores da atividade econômica em 2022. Com a normalização dos níveis de mobilidade urbana, o atendimento gradual da demanda reprimida ainda presente em alguns segmentos tem permitido ao setor manter um ritmo de crescimento consistente, sendo o principal responsável pelo aumento da criação de postos de trabalho na economia. Segundo a PMS/IBGE, o setor avançou 1,1% em julho, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu crescimento de 0,8% no período anterior, sendo a quarta variação positiva em cinco meses. O destaque positivo ficou por conta dos serviços associados a transportes e correios, que registraram alta de 2,3% na margem. Já os serviços prestados às famílias, os mais afetados pela crise sanitária, avançaram 0,6% na margem (tabela 6). Na análise em médias móveis trimestrais, o crescimento de 1,7% representou a segunda aceleração seguida nesta base de comparação.



Com o resultado de julho, que superou as expectativas para este mês, o setor de serviços acumula um crescimento de 8,5% em 2022, situando-se num patamar 8,9% superior ao verificado em fevereiro de 2020. Setor produtivo mais afetado pelos efeitos da crise sanitária, a atividade de serviços apresenta alguns segmentos cuja recuperação iniciada durante o processo de normalização da mobilidade urbana ainda está em curso, como é o caso dos serviços prestados às famílias, que, ao final de julho, encontra-se num patamar 5,7% inferior aos níveis pré-pandemia, significando ainda algum espaço para um crescimento mais elevado (gráfico 7). Além dos fatores citados, como a existência de uma demanda reprimida, assim como o retorno da parcela do orçamento das famílias que havia migrado para o consumo de bens, o ritmo de crescimento das atividades de serviços diante da perda de fôlego do comércio varejista pode ser explicado pelo comportamento dos preços, refletido nas trajetórias dos seus respectivos deflatores (gráfico 8). Tendo por base de comparação o mês de fevereiro, a série do deflator de serviços acumulou em julho último um crescimento de 10,4% no período, enquanto o deflator do comércio no conceito ampliado subiu 33,3%. Não obstante a demanda por bens tenha se recuperado mais rapidamente dos efeitos da pandemia, esse argumento perde força enquanto possível explicação para essa diferença (22,9%), na medida em que, nos últimos doze meses, encerrados em julho, enquanto os serviços cresceram a uma taxa média dessazonalizada de 0,6% ao mês, as vendas registraram trajetória negativa, com uma taxa média de -0,5% ao mês.

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente estabilidade na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 6,4% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficaria em 1,8%. Entre os cinco segmentos, apenas duas atividades apresentariam crescimento em agosto, com destaque para *outros serviços*, com alta de 2,2% na margem e queda de 6,5% na comparação interanual (tabela 7).

TABELA 6  
**Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Maio/21	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	Maio/22	Jun./22	Jul./22	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Total</b>	0,4	0,8	1,1	1,7	9,1	6,4	6,3	7,2	8,5	9,6
<b>1. Serviços prestados às famílias</b>	2,2	0,5	0,6	5,8	39,7	28,1	22,6	29,5	33,9	31,1
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	1,3	-0,8	2,0	4,9	42,5	28,8	22,3	30,4	35,3	32,7
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-0,1	3,1	2,2	3,4	25,0	24,6	24,1	24,5	25,9	22,5
<b>2. Serviços de informação e comunicação</b>	0,9	-0,2	1,1	2,2	4,0	0,9	2,0	2,3	2,8	5,9
2.1 Serviços de Tec. de Informação e Comunicação (TIC)	1,5	-0,8	0,6	2,4	4,1	1,5	2,1	2,6	2,7	5,7
2.1.1 Telecomunicações	0,6	0,6	-2,1	0,2	-7,4	-6,3	-9,1	-7,6	-7,4	-4,7
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	2,6	-5,1	6,6	3,8	20,2	11,3	17,2	16,1	16,8	20,7
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	1,3	0,6	-0,9	0,9	3,3	-4,6	1,2	-0,2	3,9	7,5
<b>3. Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>	1,1	0,8	-1,1	1,5	9,7	8,3	4,2	7,3	7,7	7,9
3.1 Serviços técnico-profissionais	1,2	3,6	-3,1	2,7	6,7	9,8	-2,0	4,7	6,6	8,0
3.2 Serviços administrativos e complementares	1,0	0,0	-0,1	1,5	10,9	7,7	6,8	8,4	8,2	7,9
<b>4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b>	0,6	0,9	2,3	1,4	11,9	10,1	12,8	11,6	13,8	14,0
4.1 Transporte terrestre	2,3	2,4	0,9	5,4	19,6	20,6	18,7	19,6	17,9	15,9
4.2 Transporte aquaviário	4,2	1,6	3,4	7,5	12,4	14,6	13,7	13,6	12,0	14,0
4.3 Transporte aéreo	-12,8	-9,0	6,8	-13,1	30,4	-3,3	15,4	13,1	46,6	47,3
4.4 Armazenagem, serviços aux. aos transportes e correio	0,2	-2,2	5,4	-2,7	-3,0	-3,4	2,7	-1,2	1,9	5,1
<b>5. Outros serviços</b>	3,1	1,3	-4,2	0,8	4,2	-4,6	-11,3	-6,6	-5,3	-3,4
<b>Atividades Turísticas<sup>2</sup></b>	1,1	-1,7	1,5	4,7	4,3	25,8	26,5	31,4	41,9	38,5

Fonte: PMS/IBGE.

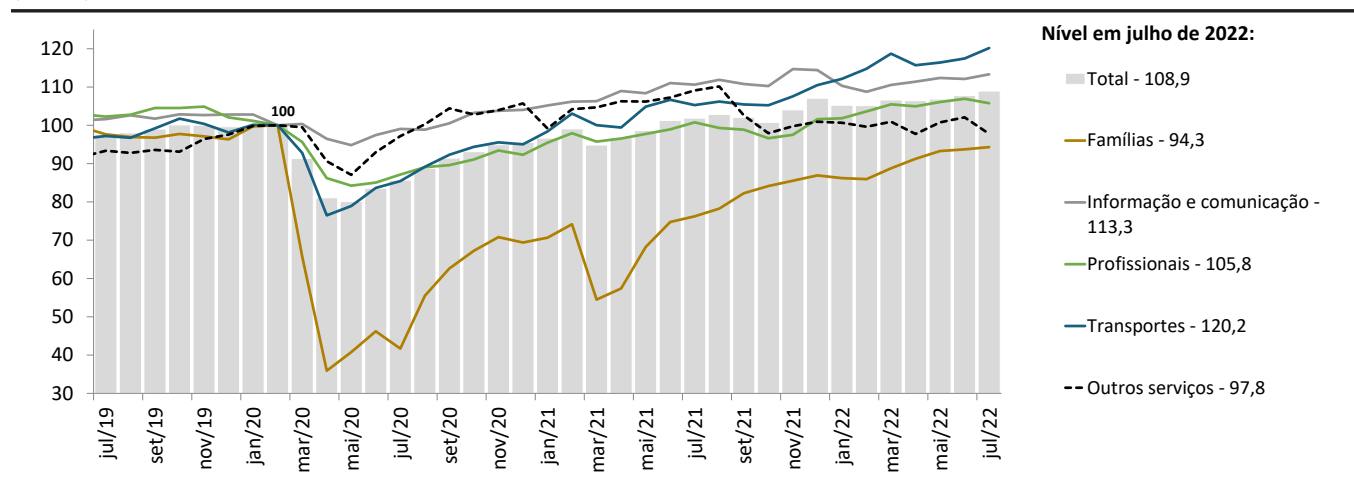
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: <sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> Índice especial construído a partir de grupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

GRÁFICO 7

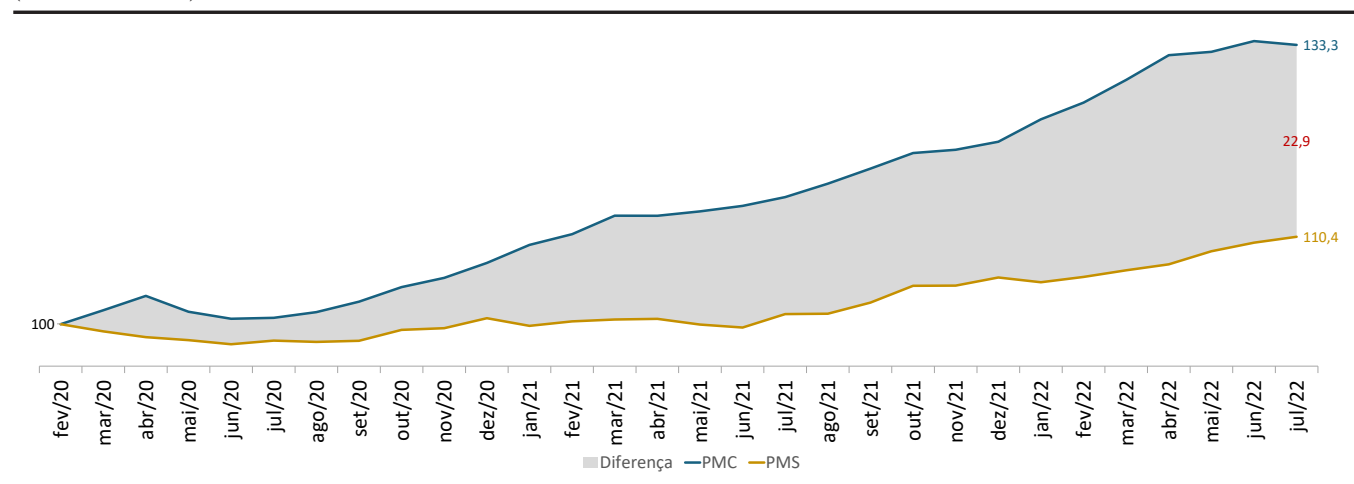
**Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (jul./2019-jul./2022)**  
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8

**Serviços e comércio: evolução dos deflatores (fev./2020-jul./2022)**  
(Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 7

**Serviços: desempenho recente e previsão para agosto de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada**  
(Em %)

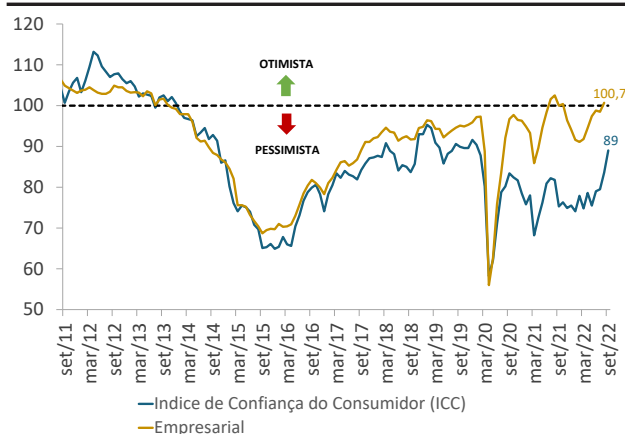
	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	
<b>Serviços</b>	1,4	-0,2	0,4	0,8	1,1	0,0	= -4,2
Serviços prestados às famílias	3,3	2,8	2,2	0,5	0,6	0,2	< -3,0
Serviços de informação e comunicação	1,6	0,8	0,9	-0,2	1,1	-0,9	< -1,7
Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,8	-0,5	1,1	0,8	-1,1	-0,1	< -0,4
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	3,4	-2,6	0,6	0,9	2,3	-0,5	< 0,9
Outros serviços	1,3	-3,2	3,1	1,3	-4,2	2,2	>= 2,2

Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 5 Confiança

O bom desempenho da atividade econômica ao longo dos últimos meses tem se refletido no comportamento dos indicadores de confiança dos agentes. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 100,7 pontos em agosto, com alta de 2,2 pontos percentuais (p.p.) ante o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Com isso, o indicador atinge o seu maior patamar desde outubro do ano passado (100,4), situando-se numa zona que denota otimismo. Com exceção do setor de serviços, que apresentou pequena acomodação, mesmo assim permanecendo acima do patamar de 100 pontos, todos os demais setores cresceram na margem. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), com dados já divulgados para setembro, registrou alta de 5,4 p.p. sobre agosto, atingindo patamar de 89 pontos, o maior desde janeiro de 2020. A maior parte desse crescimento está associada a uma melhora de confiança das famílias em relação aos próximos meses, superando os 100 pontos pela primeira vez desde março de 2019. Tanto a queda nas expectativas de inflação quanto o aumento do otimismo em relação ao mercado de trabalho ajudam a explicar esse resultado (gráfico 9).

GRÁFICO 9  
Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores – séries dessazonalizadas (set./2011-set./2022)  
(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)  
Fábio Servo  
José Ronaldo de Castro Souza Júnior  
Leonardo Mello de Carvalho  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Sandro Sacchet de Carvalho

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter  
Andreza Aparecida Palma  
Antônio Carlos Simões Florido  
Cristiano da Costa Silva  
Felipe Moraes Cornelio  
Paulo Mansur Levy  
Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão  
Caio Rodrigues Gomes Leite  
Diego Ferreira  
Diego Rosalino Marques  
Felipe dos Santos Martins  
Izabel Nolau de Souza  
Marcelo Lima de Moraes  
Pedro Mendes Garcia  
Rafael Pastre  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---